

Arthur Bispo do Rosário e o Manto da Apresentação: Poesia em verso e anverso.

Janaína Laport Bêta¹

Resumo

O presente ensaio trata da mortalha que se fez Obra por força e intensidade poética: *Manto da Apresentação*. Olhar e Ver a Obra que através de Arthur Bispo do Rosário veio à presença é aceitar a convocação ao pensar, avistando a corporificação de questões da ordem do Sagrado e da Finitude.

*O que é Deus estava mais no barulho neutro das
folhas ao vento que na minha antiga prece humana.*

*Às vezes, só para me sentir vivendo,
penso na morte. A morte me justifica.*

Clarice Lispector

Manto da Apresentação: Obra que se quis veste. Há os que defendam uma marca teológica no vestuário afinal por primeira veste temos as de Adão e Eva, após o pecado original (AGAMBEN, 2008). Já Baudelaire, em *O pintor da vida moderna*, diz que a ideia que o homem tem do belo se imprime em seu vestuário, retesa e esgarça sua roupa, arredondando ou alinhando seus gestos até impregnar, com o passar do tempo, os traços de seu rosto. Sempre ouço com atenção o dizer dos poetas, contudo, o *Manto da Apresentação* excede todas as possibilidades previstas, pois não é mero vestuário, é Obra. O delírio inspira o tecer da vestidura do inventariante Bispo para ocasião do

¹ Doutoranda em Poética, programa de Ciência da Literatura UFRJ, Graduada em História da Arte pela UERJ, Licenciada em Artes (UERJ) graduanda em Pintura (Escola de Belas Artes UFRJ). Professora da UNIABEU.

prestar contas ao criador sobre as atividades do homem fora do paraíso. *Manto-obrapresença*, veste sagrada.

Ao longo da história humana foram, e continuam sendo, inúmeros os modos de experienciar o sagrado, causando por vezes, em nosso ocidental e moderno pensar, certo estranhamento. São vastas as planícies por onde se espraiam os modos de ser. Mircea Eliade, em *Sagrado e Profano*, tece considerações acerca do tema. Para ele este sentimento não se vincula propriamente às religiões, sendo antes autônomo. Percebemos estreita a distância entre as experiências com o sagrado e as sensações advindas do contato com o que entendemos por sublime. O autor defende – recorrendo a seus pares – que há no homem uma sensação próxima ao pavor diante de experiências desta ordem, o *mysterium tremendum*, oriundo de certa sensação de nulidade que se estabelecesse ao reconhecermos que nossa condição não excede a de mera criatura diante de esmagador poder. Eliade, no princípio de seu escrito, esclarece não buscar estabelecer relações entre racional e não-racional.

Em nós repousa o desejo de pensar o sagrado de modo, se não inaugural, ao menos que tangencie sua essência, apartando-nos de possíveis tensões que se instalam ao opormos o sagrado ao profano. Neste ponto, distanciaremo-nos do autor citado, que conduz seu pensamento de modo hábil e específico por este caminho, que embora indiscutivelmente rico ao seu intento, inviabilizaria nosso estudo. Não há no pensamento que buscamos construir desejo ou interesse em domar, cercear, ou delimitar fronteiras ao sagrado, muito menos de o relacionarmos ao religioso.

O sagrado a ser pensado no *Manto* não se opõe ou se justapõe ao profano. Tampouco se refere ao religioso. Não há ligação com religião, não se refere a sistemas religiosos ou instituição. A instituição é calcada em paradigmas, nos quais tudo difere do verdadeiramente humano do homem, que a nosso ver, é o que está presente em toda manifestação do sagrado. O sagrado manifesto em obra segue uma lei mais complexa do que aquelas que regem sistemas. Passemos então a refletir acerca da Lei.

O que seja a lei em si já carrega toda uma complexidade misteriosa. Segundo Manuel Antônio de Castro – em ensaio intitulado *A Violência no Religioso e no Profano*² – há uma dupla possibilidade de leitura da Lei. Há a Lei como vida, e há a

² Leitura crítica da peça *O Vigário*, de Rolf Hochhuth, In: <http://acd.ufrj.br/~travessia poetic/interpretaçao.htm>.

vida como lei. É na Lei como vida que o sagrado se dá. Esta é a Lei que está a serviço do homem. A outra lei é a que rege as instituições, os sistemas e acabam por aprisionar o humano, tolhendo-o de sua humanidade, incapacitando-o para o amar. No segundo caso é o homem quem está a serviço da lei e não o contrário. O limite entre a “Lei” e a “lei” é muito sutil, esfumaçado. A lei das instituições e dos sistemas não é menos real que a Lei do humano, a ideia que a primeira representa também é real, mas nela a percepção do real é universal e abstrata, enquanto na outra Lei esta percepção é concreta, pois leva em conta a conjuntura humana (Ibidem.). Muitas são as leis e sistemas que circundam a obra *Manto* buscando apreendê-lo em verdades institucionais. De modo patente, temos o científico e de modo latente o religioso.

Com relação ao científico temos que a ciência busca trazer para o sistema uma concepção de verdade que “domestica” o real, moldando-o nas dimensões que julga confortável. O sistema científico circunda o *Manto* seja na Arte institucionalizada em sistema de arte que envolve História e crítica com suas instituições subjacentes como museus, galerias, publicações especializadas etc., que defendem a autonomia, a subjetividade do artista Bispo; seja na Psiquiatria que defende sua condição de enfermo, portador de esquizofrenia, doença psiquiátrica que o torna incapaz enquanto artista, afirmando ser sua obra, adoecida, fruto de delírios psicóticos. A ciência e seus paradigmas agregam ao sistema uma concepção de verdade que reduz o real à dimensão imposta por ela. Por outro lado, o sistema religioso se coloca através da fresta do cunho messiânico da obra. Essa característica, advinda do delírio, fomenta certo borrar de fronteiras entre sagrado e religioso aos menos atentos. A afirmação de Bispo com relação ao destino da obra – Traje com o qual apresentaria a Deus toda produção humana sobre a Terra – não cerceia suas possibilidades enquanto obra de Arte. Pois afinal, na verdadeira Arte o que de fato impera e vigora é a autonomia da obra e não a subjetividade artística.

O centro nervoso, o ponto em comum a unir o sistema científico e o religioso, ainda que estes aparentemente estejam em oposição, é o constante ignorar daquilo que de fato é o mais relevante no que se refere às obras que se presentificaram através de Bispo: a manifestação do Sagrado. Os que da obra se aproximam buscam reduzi-la à ação do homem Arthur Bispo do Rosário, sempre girando em torno da subjetividade seja do louco, do artista ou do “profeta”. A obra é reduzida à ação do homem.

Todo o arcabouço das crenças institucionais do sistema religioso, bem como o arcabouço das crenças institucionais do sistema científico acabam por se igualar, porque fundadas na crença do poder da ação do homem. E porque fundadas nessa dimensão, acabam por negar o próprio homem e levá-lo ao extermínio e à dor e sofrimento tanto físico como mental e psicológico: o religioso e o profano no fundo se tocam e só aparentemente são opostos (CASTRO, *A Violência no Religioso e no Profano*, p. 6)³.

Não cremos que o científico ou o religioso sejam arcabouços para a construção da obra que através de Bispo veio à presença. No entanto, acreditamos na fé, que em Bispo é concreta e se concreta, como movimento do real, portanto, manifesta o Sagrado. Bispo foi sem dúvida um homem de fé, e através dela foi instrumento, mecanismo, na ação do Sagrado. Enquanto poeta (das linhas) soube que nenhum sistema dá conta do real, portanto não temeu sucumbir, acreditou em seu trabalho até o último instante de seu existir. Independentemente da finalidade de sua produção, o *Manto* possui enquanto obra, um *télos*, um sentido que transcende a vontade do artista. Bispo bordou a mortalha com o esmero de um traje litúrgico, digno de ritual de sacramento. Mas a obra vai além das intenções de quem a produziu e o traje de gala passou de mortalha a célebre obra da arte contemporânea. *Manto* é figura-questão que nos diz de duração e finitude, habitar e construir, condições e possibilidades, loucura e sanidade. Ou seja, um poema tridimensional sobre o humano.

Não cremos que a obra carregue em si questões relativas à religiosidade de seu autor. Diante dela somos tomados por algo muito maior, é o sagrado como questão que se presentifica e, em nosso entendimento, é o que de fato moveu o fazer, o construir e o habitar em Bispo do Rosário. Importante esclarecermos que não se trata apenas de um mudar expressões, mantendo a ideia e mudando apenas o termo, passando a empregar a palavra Sagrado no lugar da palavra religioso. Em seu significado essencial sagrado não é religioso. Mas então o que é o Sagrado?

Castro (Op.cit.) esclarece que entender o que seja o Sagrado implica primeiramente em auscultar o que a palavra sagrado diz, e isto configura árduo exercício de pensamento. A tarefa é extremamente difícil por sermos, segundo o autor, reféns de um vocabulário onde as palavras que o circundam já se encontram

³ Disponível em: <http://acd.ufrj.br/travessia poetic/.interpretacao.htm>.

impregnadas de significados religiosos. Para Castro, o linguista Émile Benveniste realiza um estudo bem fundamentado sobre o tema no *Vocabulário dos povos indoeuropeus*:

Não há na língua destes povos um vocábulo que expresse algo como uma instituição religiosa ao lado de outras instituições. Isso não quer dizer que não haja o sagrado. Muito pelo contrário. Aparece até com mais de um nome, que expressam nuances deste fenômeno onipresente (CASTRO, *Ibidem*).

Benveniste destaca dois vocábulos básicos: *sacer e sanctus* impregnados de significados e que se dirigem a este mundo de ideias. Procuremos ouvir o que, segundo o autor, o vocábulo Sanctus nos diz (*Ibidem*). Tal vocábulo se refere à tomada de mundo humano em relação ao divino. Diz da percepção humana do mundo divino. Estrutura-se em mitos e ritos. Inicialmente os ritos configuravam parte essencial do mito. Mas com o estabelecimento das tensões e diferenciações entre o mundo religioso e o mundo profano, os ritos tornaram-se mais importantes que o mito. Nos vocábulos derivados de sanctus temos a verdadeira dimensão desse gradativo institucionalizar. Este mundo vai se estruturando em leis, que regulam e estabelecem o que seria o mundo divino e o comportamento adequado para com ele. Castro nos diz que, pensando as duas palavras que do vocábulo *sanctus* se originaram: *sancionar e sanções*, teremos a noção do que ali se estabeleceu. Apropriando-nos da questão colocada pelo autor, indagamos: Mas o que tais palavras têm a ver com o mundo divino?

Retomemos a questão das leis. No cerne da questão está o embrião, a definição e o alcance da Lei. A depender do contexto, do significado, lei pressupõe um sistema. Mas o que é um sistema e quem o legitima? Que poder o gera e o move? Na dimensão em que vigora o sistema em torno de *sanctus* há uma única fonte: o homem. Este sistema diz da ordem, do mundo ordenado, de fato com auxílio do divino. O mundo ordenado e organizado diz do homem e do *Cosmo*. Abandona-se com essa ideia o real em sua dimensão de *Caos*. Segundo Castro, os mitos nesta concepção dizem respeito ao Cosmos e ao homem. Ou seja, o mundo divino assim disposto, diz de uma ordem cujo centro é o homem. Daquela percepção inicial e indefinida da presença do sagrado, que se denominou no vocábulo *fanum*, sucedeu-se outra, mais delimitada: *templum*.

Esta palavra que não só denomina um espaço limitado, mas também um lugar especial, diferente dos outros espaços. Anteriormente todo espaço era *fanum*. A progressiva delimitação do espaço ainda passou por um estágio anterior: cada casa de alguma maneira era um *fanum*. Vemos por aí como a percepção do divino não se fazia a partir de uma instituição particular. A família e seus deuses, seus manes, seus antepassados e sua memória se confundiam com o sagrado (CASTRO, *Ibidem.*).

Fanum se tornou *templum*, configurando espaço demarcado e bem definido, delimitado. Tudo que estivesse diante ou a redor do *fanum/templum* era pro-fano. Assim temos que profano e não-profano (depois denominado religioso) em essência são percepções do real restringido a *Cosmos*, à ordem. Ou seja, anterior a isto, religioso e profano não se distinguiam. Enquanto sistemas, apenas aparentemente se opõem, sendo ambos regidos, governados pelas leis da ordem. O não-profano ou religioso se dirige ao divino visto a partir do homem; enquanto que o profano se dirige ao mundo do próprio homem. Com relação às palavras derivadas de *sanctus* mencionadas anteriormente, ambas se estabelecem e se aplicam nos dois mundos no estabelecer e sancionar leis e suas sanções.

De um modo geral o que predomina em relação ao divino é o real percebido e compreendido a partir dos conceitos advindos de *sanctus*. No entanto, tudo pode parecer mais claro se nos dedicarmos a pensar e entender o que o termo sagrado nomeia. Segundo Benveniste (Apud CASTRO, *Op. cit.*) o vocábulo *sacer* diz da tentativa do homem de se voltar para o real e compreendê-lo, não a partir de si mesmo, mas do incompreensível, do que por ele não é compreendido. *Sacer* diria de um mergulhar no desconhecido, mergulhar no *Caos*. Um salto no abismo, no mistério; um lançar-se naquilo que antecede e ao mesmo tempo ultrapassa toda e qualquer ação do homem. Refletindo sobre a essência da ação há de se encontrar caminho nas veredas do real. Através de sua ação o homem ordena o real. É através desta ordem advinda de suas ações que o homem mapeia a realidade e busca compreendê-la. Por outro lado percebe com clareza a presença do mistério, daquilo que não se curva ao ordinário. Há sempre algo que foge à sua ação, que não se deixa ordenar. Por mais que busque ordenar e ordene, o homem conclui que o real excede, estando de algum modo acima de seu limitado senso de ordem. Percebendo a incapacidade de ordená-lo em totalidade, o homem entende que o próprio real também age. Vemo-nos diante de uma Lei maior que as que firmamos anteriormente, quando percebemos a ação dessa força

incompreensível, inexplicável. Diante dessa força que configura a ação do real, não excedemos a condição de espectadores. Quando em nossas vidas somos conduzidos ao que não podemos ordenar, onde todos os sistemas dos quais dispomos demonstram sua ineficiência e toda força que conhecemos entrega-se em tibieza, estamos diante daquilo que se nomeia o Sagrado. O Sagrado rege e é regido por Lei que não segue os parâmetros do mundo em sua ordem, independe do homem e seu querer, esta Lei não está sujeita a sanções. É o vigorar de verdadeira força propulsora de todo criar. É vigor do *Caos*, onde, como nos afirma Castro, repousa a possibilidade de proveniência de todo *Cosmos*. Diante do imensurável desta ação, cabe ao homem apenas silenciar em reverência. Contudo, não se trata de força aniquiladora, mas de força que conduz à plenitude da condição humana.

Bispo experienciou esta força sagrada. Na implosão da causalidade, na não linearidade do tempo narrativo onde presentepassadofuturo são um. Tatuados em bordados no corpo do *Manto*, podemos entre-ver a força do Caos. Diante do desconhecido, do delírio inspirado que se apresentava como força do extraordinário no ordinário de seus dias de interno, diante do Sagrado, a Bispo só restou a potência de três verbos: silenciar, jejuar e obrar, entregando-se à ação que o moveu em sua reconstrução de mundo. Bispo percebeu, enquanto artista-louco, que em essência, desejo e liberdade caminham juntos, mas são distintos. Bispo percebeu-se mecanismo de uma força maior, a força da criação, e fez de sua existência uma ode ao trabalho, pois cria em algo que sabia maior do que si mesmo. Bispo não teve querer, aquele subjetivo; teve poder. Poder ser. Viveu a vida em jogo de mando e obediência. Lembrando uma vez mais as palavras de Manuel de Castro, dizemos que apenas impulsionados por nosso querer somos, como Édipo, conduzidos mais rapidamente à realização daquilo que não queremos, e o que queremos não se realiza. Desejo e liberdade são como essência e aparência. Há em todo construir a possibilidade do operar da ação aparente e/ou da ação essencial. A ação aparente é movida por nossos desejos, nela realizamos tendo por suporte nossas leis e sistemas institucionais. Todas as nossas pseudo-ações, como em Édipo que tenta alterar o curso de seu destino, nada mais fazem que reafirmar e realizar os desígnios contidos na ação do real. Quanto à liberdade, esta se move na e pela ação essencial. A essência da diferença entre desejo e liberdade, ação aparente e ação essencial consiste no fato de que não somos nós a realizar a segunda, é ela quem nos realiza. É o sagrado operando em nós.

Sabemos que o *Manto da Apresentação* é Sagrado não por sua presença ser proveniente da necessidade de traje daquele a quem a alucinação fez messias, mas sim pela beleza do ordinário que ali se faz extraordinário – em parte pela gênese de pobreza, precariedade dos materiais que dão corpo à riquíssima peça. E especialmente, pelo que se mostra no aberto, doando-se ao ver: fim e perenidade caligrafados em mortalha que celebra a vida e cobre o vazio, desvelando-o. No mostrar o vazio faz o nada aparecer, o Nada que também é Deus. Neste mostrar, que é um *mostrando-se*, temos o vigorar do Sagrado. A Arte manifesta o Sagrado, ao mesmo tempo em que o Sagrado manifestando-se plenifica o homem-artista Arthur Bispo do Rosário, ao invalidar as leis da psiquiatria e da sociedade que furtam ao diagnosticado paciente mental a possibilidade de ação, de *poíesis*. A ação do Sagrado revela num “louco” a possibilidade de ser artista. No operar do Sagrado o fundar-se de um grego intempestivo. Na Grécia, “o maravilhoso não é o extraordinário, mas o ordinário. O que provoca espanto e admiração é deixar o Ser ecoar e bruxolear no e através do fazer” (LEÃO, 2010, p. 80).

No *Manto* há o operar de um empenho que se dedica a re-criar um modo de ser, e assim re-inventa o perfil de uma fisionomia no transfigurar do paciente psiquiátrico excluído da sociedade, em artista de renome internacional. Mas também há questão maior, que se firma no diálogo que o *Manto* enquanto obra propõe: a consciência humana da finitude. Limite e não-limite. Morremos desde o nosso primeiro instante de vida. A grande dor se faz da consciência que temos disto. Esse é o destino humano. A cada destino entrecruzado, um nó: o dar-se das relações humanas – familiares, pessoais, sociais. Ao homem o destino. A cada nó, possibilidades. Redes: menores, maiores. Os fios e os nós otimizam a tessitura da rede, mas sua condição de existência é o dar-se do e no vazio. Sem vazio não há rede. A toda e cada rede (menor, maior) um mesmo vazio, ainda que não possamos aferir. Muitas réguas, todas insuficientes. Santos, loucos, artistas, cientistas, lavradores, poetas: Homens Humanos: todos doação de um mesmo vazio. No entanto enquanto alguns se agarram aos nós, outros se lançam, saltam sobre o abismo. Entrega, renúncia. Aquele que renuncia faz o nada aparecer. O poeta sabe: “perder o nada é empobrecer” (BARROS, 2002, p.163).

O Manto. No Avesso, o corpo-alma. Talvez a responsabilidade poética não seja mesmo transmitir ou significar, mas questionar e no questionamento abrir o caminho da sutura, re-estabelecimento do humano do e no homem. O que nos difere dos demais animais, além da capacidade de sonhar, é o que antes já afirmamos inúmeras vezes: a

consciência da finitude. Temos mais certeza da morte que da própria vida e isso, por vezes, nos esmaga. Melhor pensar ser a vida apenas um afago da morte, e ser. Mas há a fome. Fome em continuar sendo. Mesmo depois de. Para esta fome não há saciedade. Para aliviar da consciência da morte, possibilidades: a letárgica alienação ou a renúncia. Bispo faz sua escolha. Ou teria sido escolhido? Nos bordados cânticos de renúncia, re-anunciam a origem. No que é próprio ao artista Bispo, fios de fé e delírio criativo se entretecem em diálogo com o indizível. Cada bordado uma prece. Tudo de belo e precioso é unido na feitura do traje de gala, para ocasião de suprema honra, quando face ao criador prestará contas, apresentando o registro de todo agir. A renúncia toma corpo no manto. Re-anunciar a vida é fundar mundo. Palavras aliviam da fome insaciável de viver-morrer-viver. Vida perpetuada no nomear.

Olhar o avesso do manto e convocar a lembrança:

[...] como se eu escrevesse um poema sobre o nada e me visse de repente encarando frente a frente o próprio nada. Deus é uma palavra? Se for estou cheio dele: milhares de palavras metidas dentro de um jarro fechado e que às vezes eu abro – e me deslumbro. Deus palavra é deslumbrador (LISPECTOR, 1999, p. 127).

Bispo ansiava viagem, mas havia a necessidade: *EU PRECISO DESTAS PALAVRAS ESCRITA*. Manuel de Barros já nos disse antes: “este Arthur Bispo do Rosário acreditava em Nada e em Deus”. No avesso do manto o registro: nomes bordados a serem lembrados diante do Criador. Em todo sistema há o desfigurar do homem. Neles há a generalidade, a ausência dos nomes. Apenas sujeitos a desempenharem funções, papéis. Há um quase anonimato daqueles que os compõem. Bispo, homem-artista, fora dos sistemas – seja os da arte, seja da sociedade – percebe a essência do ser-com, e nomeia: Aracy Rodrigues Arruda, Helena, Dagmar... .. Cacilda, Heloisa Sampaio, Célia, Luisa, Josefa, Eugênia, Laura, Antonieta, Maria de Lurdes, Dalmira, Regina... ..Afetos.

O Manto, vestindo o sagrado os acolhe no verso. Nos bordados, o nomear. Se a alma fosse o avesso do corpo, o avesso dos feitos haveria de ser os afetos. No entanto, sabemos não haver a dicotomia alma-corpo se pensamos *Corpo* para além do dar-se da carne, da vida enquanto *bios*. Não há alma e corpo, mas sim *homem-corpo em um único*

ato, ou seja, eK-sistência. No que se refere aos afetos, ouçamos uma vez mais o que nos diz Gilvan Fogel:

Ao se falar de afeto, costuma-se de imediato representar ou imaginar o homem, assim como o mundo e todas as coisas, como algo já dado, constituído, e que o homem o sujeito, seria dotado do poder ou da capacidade de ter afetos, de ter sentimentos ou humores. Assim, quando se relaciona coisa, algo, enfim, realidade a humor ou afeto, pensa-se, imagina-se subsequentemente o homem, enquanto sujeito, tendo afetos ou humores, os quais somados, acrescentados às coisas, à realidade e, então, as coisas ou a realidade como um todo passam a ter e ser também afetos, humores e sentimentos. Os afetos e os humores seriam projetados, introjetados às coisas pelo homem, pela subjetividade ou pela emocionalidade humana. Esta de modo geral é uma maneira psicológica, antropológica ou antropocêntrica de se entender e de se mal entender humor, afeto, realidade e, sobretudo, o próprio homem (FOGEL, 2010, p. 9).

Na verdade precisamos compreender, com a ajuda do pensamento de Gilvan Fogel, que a questão do afeto não gira em torno do homem numa relação sujeito-objeto. O homem não tem afetos, o homem é afeto, as coisas são afeto. A vida, a existência que é desde sempre in-sistência, pois encarnada, *encorpoada*, já seria sempre humorada, sempre sob a forma de um afeto, a que podemos chamar também interesse. Afeto então seria o tônus ou a determinação da vida, do real. Afeto é corpo, que é antes de mais nada experiência, história, ação, drama (FOGEL, 2010).

Nos nomes tatuados no corpo-afeto do manto: mulheres. Guardiãs do mistério da vida. Do experienciar. Do dissimular entre aberto e fechado da existência. Vida-mãe, morte-amante? No verso-avesso da obra o nomear em hábeis bordados é um reafirmar da importância do vocábulo *tékhne*. A palavra *tékhne* não nomeia o fazer, mas sim o saber, sendo o saber, um saber ver. “A visão suporta e guia toda a explosão da vida humana na totalidade do real e no universo das realizações” (LEÃO, 2010, p. 83).

Na *tékhne*, acontece assim um esforço do homem por si mesmo e pelos outros. Neste sentido, a *tékhne* guia e fundamenta toda lida do homem com qualquer real, seja como real que já se dá e oferece por si mesmo, seja como real, que resulta da ação de uso e produção, de cultivo e cuidado de suas mãos. Mas em todos estes modos de ser não é nunca o fazer e operar a manufatura e operação o que, na *tékhne*, desencadeia e carrega o processo todo de desempenho, mas é a evidência da visão (Ibidem.).

Bispo seria então um visionário? No operar da arte em Bispo temos esse movimento de vidência que constitui o cenário de existência do homem que se reconhece imerso em um mundo, cujo sentido é o tempo. Os artistas não são artistas por obra e graça de sua própria vontade ou de suas mãos, mas sim, ainda segundo nos diz Carneiro Leão (Op. cit.), pela eclosão luminosa de aparecer e desaparecer da *phýsis* nas relações do homem consigo mesmo e com todos os outros seres. O Ser é destino universal. Mas cada um de nós é sempre movido por um próprio, um ímpeto de realidade. E esse ímpeto, ou entusiasmo, ou ainda o que alguns chamam inspiração, é tão profundo que sua potência é a de *Eros*, força criadora. Em tudo que é e está sendo há a presença desta força, que é expansiva e alavanca a superação. É a busca que não cessa, é necessidade de união. Por essa necessidade, que é movida por esta força expansiva difusora, é que toda união é morte.

Dando voz ao personagem [dos mais intensos: Ângela em *Um sopro de Vida*] Clarice Lispector, nessa derradeira obra, talvez pela consciência da proximidade da própria morte, discute a finitude. Diz escrever como quem tenta salvar a vida de alguém. “Provavelmente a minha vida”, afirma. Vai mais além quando diz: “Viver é uma espécie de loucura que a morte faz”.

No *Manto da Apresentação*, a mais bela poesia manifestada em verso e anverso, distinguimos muitas questões, entre elas a própria condição de ser do artista, (consciência?) do fato de que entre as possibilidades que vigem no Ser, está o reconhecimento de que há na natureza uma sabedoria que o faz, depois de criado [enquanto aquele que se deixa tomar pelas questões], mover-se sempre, sem descanso – ainda que desconheça pelo quê. Há apenas uma vaga intuição. Algo como a insistência de um saber, que em verdade é tão somente o reconhecimento de um não-saber. A questão que o move e se apresenta como a mola propulsora de todo criar, constituinte de nossa humanidade é a consciência de viver-morrer. Vida-morte, suplementares ou complementares no movimento poético-circular da existência? A morte faz parte da vida ou seria a vida a fazer parte da morte? Uma imbricando outra. Contudo, haveremos de experienciá-las cada qual ao seu tempo. No cessar desta, aquela. À parte isto, o Nada. Nada que é princípio-fim
Da morte ouço dizer...

Vida-Morte é espera. *Eks-pera*.⁴

A vida é limite do não-limite que é a morte.

Da vida, buscamos a piedade de um sinônimo:

Viver é Criar.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o Contemporâneo*. Tradução de Cláudio de Oliveira, 2008, Mimeo, p. 7.

BARROS, Manoel. *Livro Sobre Nada*. São Paulo: Record, 2002, p.85.

CASTRO, Manuel Antônio de. *A Violência no Religioso e no Profano*. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~travessiapoetic/interpret.htm>. Acesso em: 12 de setembro de 2010.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 173.

FOGEL, Gilvan. *A respeito de Homem, de Vida e de Corpo*. Mimeo, 2010.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. “A Arte Grega”. In: *Filosofia Grega Uma Introdução*. Teresópolis: Daimon, 2010, pp. 79-87.

LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de Vida (Pulsações)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 159.

⁴ Do grego: “*Peras* diz em si o que no eclodir chega ao limite. Já o *-eks* indica o que já desde sempre dá o impulso para fora, para além, isto é, o não-limite” (CASTRO, *Presença e Forma*. Disponível em <http://travessia poetica.lettras.ufrj.br>). A vida é o limite do não-limite, que é a morte.